

3

O intercâmbio afetivo mútuo.

Agora que alguns importantes pressupostos filosóficos foram suficientemente delimitados no capítulo anterior, darei seguimento à investigação da participação da afetividade na construção da subjetividade utilizando como referência para esta investigação algumas pesquisas relacionadas ao desenvolvimento das interações humanas. Nesse sentido, o objetivo do presente capítulo seria delimitar um possível entendimento acerca do que será chamado de inter-afetividade, tendo como referência para tal delimitação a exploração de dados observáveis pertinentes à pesquisas relacionadas ao desenvolvimento infantil. Com isso torna-se possível apresentar a inter-afetividade como uma capacidade que permeia as relações interpessoais, possibilitando assim uma qualidade específica de relação, em que a experiência afetiva pode ser compartilhada, ou intercambiada. A delimitação desse tipo de interação, onde algo de relevante da experiência afetiva de outrem pode ser compartilhado em um intercâmbio afetivo mútuo, é especialmente pertinente para o presente trabalho, pois no capítulo seguinte será investigada a participação desse tipo de interação na construção da subjetividade e no desenvolvimento da linguagem.

Para que se realizem tais objetivos, este capítulo será dividido em duas partes. Na primeira parte irei apresentar uma delimitação acerca da ideia de inter-afetividade, equivalendo esse conceito à capacidade de ser sensível e responsivo às emoções humanas assim como propôs Hobson (2002), psiquiatra, psicólogo e psicanalista da Tavistock Clinic e University College of London. Para ele, o ser humano é o único animal dotado dessa capacidade, e é devido a essa capacidade que o humano é a única espécie capaz de desenvolver a linguagem. A fim de exemplificar o que se está entendendo como a capacidade de ser sensível e responsivo, apresentarei uma revisão de algumas pesquisas que indicam que bebês mesmo nas primeiras semanas de vida já apresentam a capacidade de serem

afetados pelo estado afetivo momentâneo de outros humanos e responder a esses estados.

Na segunda parte irei investigar como a inter-afetividade pode possibilitar um tipo de relação interpessoal onde a experiência afetiva pode ser compartilhada. Para isso irei apresentar a “sintonia do afeto” (Stern 1992) como um tipo específico de relação onde a experiência afetiva pode ser compartilhada. Segundo Stern, psiquiatra que adota uma perspectiva apoiada na psicanálise e nas pesquisas realizadas pela psicologia do desenvolvimento para pensar a experiência subjetiva do bebê, a sintonia do afeto talvez seja a maneira pela qual “você pode entrar ‘dentro’ da experiência subjetiva de outra pessoa e então fazer com que ela saiba que você está lá, sem usar palavras” (p. 123). Nesse sentido, meu objetivo seria então pensar a sintonia do afeto como um parâmetro possível para definir que durante uma interação ambos os parceiros tenham compartilhado ativamente alguma qualidade da experiência afetiva do outro, indicando assim a ocorrência de um Intercâmbio afetivo mútuo.

3.1

A Inter-afetividade e a capacidade de ser sensível e responsivo ao outro.

Meu objetivo nesta parte do capítulo é investigar a experiência subjetiva do bebê a fim de abordar as capacidades do bebê que servem de berço para a inter-afetividade e conseqüentemente para a “sintonia do afeto” (Stern, 1992). Entretanto, determinar a qualidade da experiência vivida pelo bebê seria uma tarefa impossível, já que com certeza não podemos conhecer a experiência subjetiva dos bebês em si. No entanto, podemos observar comportamentos de bebês em diversas interações, além de termos a possibilidade de não só observar, como também vivenciar uma relação onde afetamos e somos afetados por eles. Com isso, podemos traçar hipóteses sobre suas capacidades e refletir a respeito do

que eles experienciam. Todo esse conhecimento gerado acerca da experiência subjetiva do bebê, de suas interações e dos futuros comportamentos de atenção compartilhada, pode ser muito útil para que se possa oferecer um tratamento mais afinado às patologias ligadas a esse desenvolvimento, como por exemplo, o autismo. É pautada nisso que essa investigação segue adiante.

É possível imaginar um primeiro momento da nossa experiência subjetiva enquanto bebês em que só somos capazes de sentir e não de pensar a nossa experiência com o mundo. Ou seja, temos muitas sensações em relação ao mundo em nossa volta, seja ele inanimado ou animado, mas ainda não temos a capacidade de pensar reflexivamente sobre o que sentimos. Essa capacidade só começa a ser observada mais tarde por volta dos nove meses. A questão que se coloca é como essas sensações influenciam o desenvolvimento. Tudo o que sentimos do mundo e de nós mesmos nos modifica, nos afeta de alguma maneira (frio, barulho, fome...). Mas o que sentimos em relação às outras pessoas? Com certeza somos influenciados por uma gargalhada, por um choro, pelo ninar, pelo olhar... Será que podemos dizer que existe uma qualidade de sensação específica para as relações interpessoais? É sobre essa possibilidade que eu pretendo me debruçar neste momento.

Em 1974, o pediatra Berry Brazelton e seus colegas decidiram filmar a interação de bebês em duas frentes, uma com objetos e a outra com pessoas. O que eles fizeram foi filmar bebês de quatro semanas em interações face-a-face com suas mães, e em um procedimento diferente de filmagem filmaram bebês da mesma idade interagindo com um macaquinho de brinquedo, suspenso e se balançando na direção do bebê.

No caso da interação bebê/objeto, de uma maneira geral, a atenção dos bebês só era capturada quando o macaquinho quase acertava sua face e sua reação era bastante contida, com alguns poucos gestos na face e nos lábios. Quando o macaquinho se afastava eles abriam a boca, como se pudessem mordê-lo, e logo depois a atenção deles era abruptamente encerrada ao virarem a cabeça para o lado por longos períodos de tempo.

Já no caso da interação face-a-face com suas mães, os ciclos de atenção e desinteresse se apresentavam de maneira diferente, parecendo haver lapsos

menores e menos abruptos entre os momentos de atenção e os momentos em que o bebê desviava o olhar. Os olhos dos bebês pareciam brilhar quando olhavam para o olhar da mãe, além de estenderem seus braços e pernas em sua direção. Quando a mãe respondia, eles sorriam e faziam vocalizações, além de mexer os dedos dos pés e das mãos. Frequentemente havia uma grande agitação corporal, vocalizações e sorrisos quando a mãe sorria em resposta.

Esse simples estudo mostra que desde os primeiros momentos da nossa vida interagimos de maneira diferente com objetos e com pessoas. Mas por que isso acontece? O que há de diferente nas relações interpessoais? Com certeza essas são perguntas que precisam de muitas respostas, mas uma primeira e muito simples inferência que podemos fazer com base nesse estudo é que diferentemente do macaco de brinquedo, a mãe *responde* ao comportamento do bebê, ou seja, ela altera seu comportamento de acordo com o comportamento do bebê.

Ainda com base nesse estudo, podemos perceber que não é apenas a mãe que responde ao bebê, mas o bebê também responde à mãe, visto que ele também apresenta comportamentos relacionados ao comportamento da mãe — como por exemplo, quando a mãe respondia, os bebês sorriam e faziam vocalizações, além de mexer os dedos dos pés e das mãos. Entretanto, dizer apenas que o comportamento de um dos parceiros da díade teve relação com o comportamento do outro parece ser uma descrição muito pobre para se pensar as interações interpessoais pois deixa de lado a qualidade dessa resposta. Podemos pensar que um bebê, ao dirigir o olhar na direção contrária a um estímulo aversivo, como uma luz forte, está modificando seu comportamento de acordo com a luz, ou seja, ele está respondendo. Por isso, dizer que as relações interpessoais são diferentes apenas porque nelas há resposta de um dos parceiros me parece ser uma resposta ainda muito insuficiente já que não se trata apenas de respostas isoladas, como no exemplo do bebê com a luz, e sim de algum tipo de resposta que possibilita uma correspondência, um intercâmbio mútuo.

É importante perceber que não se trata de uma resposta qualquer, mas de uma determinada qualidade de resposta. Ainda segundo a descrição das interações desse estudo, pode-se perceber que nas interações com suas mães, os bebês demonstravam ter períodos maiores de atenção dirigida às suas mães e períodos

de desinteresse mais curtos, em que eles dirigiam o olhar em outra direção. Isso aponta para a possibilidade de que existe uma determinada qualidade na resposta da mãe que faz com que o bebê fique mais engajado na interação.

Alguns autores acreditam que antes dos nove meses não se pode dizer ainda que exista um intercâmbio mútuo entre o bebê e o cuidador. Para esses autores existe apenas uma impressão equivocada de que está havendo uma troca comunicativa. Isso se dá porque para eles essa troca é uma via de mão única, uma vez que o bebê apenas se comportaria em resposta a algum estímulo sem a intenção de se envolver com outras pessoas, por isso, a impressão de intercâmbio seria uma mera ilusão criada pela capacidade da mãe de se envolver e dar uma interpretação social ao comportamento do bebê.

É muito difícil tanger a real intenção de um bebê, no entanto, existem outras possibilidades para se investigar a pertinência de supor um intercâmbio mútuo entre cuidador e bebê. Muitas vezes as evidências mais persuasivas desse intercâmbio podem ser tiradas de estudos que mostram uma ruptura de um padrão contínuo de intercâmbio. Uma maneira de criar tal situação é romper a troca normalmente fluente entre mãe e filho.

Eduard Tronick (1978) e seus colegas desenvolveram um trabalho pioneiro que parece ser especialmente esclarecedor em relação ao intercâmbio e suas rupturas. O trabalho consiste no procedimento experimental que envolve três fases. Na primeira fase a mãe interage normalmente com o seu filho face-a-face. Na segunda fase ela segue uma instrução para assumir um semblante estático ou ausente e mantém-se indiferente ao seu filho. Na fase final ela volta a uma interação social normal. Geralmente cada fase dura de dois a três minutos. A interação é gravada em vídeo para que o comportamento da criança seja meticulosamente classificado por juízes independentes que asseguram a precisão das observações. O procedimento da face estática (still-face) foi usado com crianças de dois a nove meses de idade. Mesmo em relação aos bebês de dois meses os resultados são em geral expressivos. Quando os bebês de dois meses se deparavam com uma mãe indiferente, de maneira geral ficavam sérios e demonstravam desconforto. Eles olhavam para a mãe, lhe davam um breve sorriso e logo depois desviavam o olhar. Eles em seguida alternavam olhares breves para

as suas mães com olhares para outras coisas, aparentemente monitorando o comportamento de suas mães. Os bebês ocasionalmente sorriam desconfiados, mas parecendo ficar cada vez menos convencidos da sua habilidade em conseguir a interação de volta ao seu estado inicial. Quando suas tentativas fracassavam os bebês se retiravam, orientando seus rostos e seus corpos numa direção contrária a da mãe com uma expressão desesperançosa. Nesse ponto eles geralmente desistiam e permaneciam virados.

Aqui, então, Tronick (1978) descreve as reações do bebê numa sequência de seriedade, desconfiança, observação, repetidas tentativas de tirar a mãe da usual imobilidade e a eventual desistência. O bebê apresenta um papel ativo na modificação de suas próprias possibilidades de comunicação em resposta ao *feedback* (ou o não-*feedback*) provido pela mãe. Ele está à procura e à espera de um engajamento interpessoal; registra quando o intercâmbio não está acontecendo; tenta re-estabelecer o contato e então tem que lidar com sentimentos desagradáveis incentivados por uma mãe convidativa, porém surpreendentemente indiferente.

A princípio pode parecer improvável justificar tais inferências, mas se olharmos com a devida atenção os resultados obtidos nesse estudo podemos perceber que: a primeira reação do bebê em relação à face indiferente da mãe foi seriedade e desconforto, após isso a mãe manteve o mesmo comportamento indiferente, ou seja, não apresentou uma resposta contingente em relação ao comportamento do bebê. Mesmo assim, por algum motivo alheio a capacidade da mãe de engajar-se e dar uma interpretação social ao comportamento do bebê, os bebês apresentavam um novo comportamento tipicamente social, eles sorriam olhando para as suas mães. Essa observação sugere que o intercâmbio mútuo não é apenas uma impressão ilusória, ela indica fortemente que o bebê tem também de maneira espontânea um papel ativo na interação, o que possibilita uma via de mão dupla no intercâmbio, uma correspondência.

Entretanto para haver um intercâmbio mútuo, uma troca comunicativa, não é necessário apenas um papel ativo das partes envolvidas, é preciso que algo seja trocado e compartilhado, e que ambos os parceiros da díade tenham a capacidade de fazê-lo. Mas o que um bebê que ainda nem sequer desenvolveu o pensamento

reflexivo pode trocar e compartilhar?

Um bebê com certeza tem a capacidade de se emocionar, de ser afetado, e talvez seja isso que esteja em jogo no intercâmbio mútuo. Mas será mesmo que nós seres humanos somos inatamente capazes de sermos sensíveis às emoções de outros humanos? Será que a emoção pode ser intercambiada, permitindo que algo da experiência do bebê e de seu cuidador seja compartilhado?

Segundo Hobson (2002) todo ser humano é “equipado” inatamente, com a capacidade de ser sensível e responsivo às emoções dos outros humanos (pelo menos no desenvolvimento típico), e, ainda, para ele seria essa capacidade que atuaria como berço do pensamento. Essa ideia me parece ser equivalente ao termo inter-afetividade, já que a capacidade de ser sensível e responsivo às emoções de outros humanos está sendo entendida aqui como a capacidade de experienciar a inter-afetividade. Essa premissa é especialmente importante, pois a partir dela podemos pensar que essa capacidade possibilita que a experiência afetiva possa ser intercambiada e compartilhada entre o cuidador e o bebê. As relações entre esse compartilhar de emoções, entendido aqui como um compartilhar de experiências afetivas, e a construção de uma subjetividade capaz de participar de comportamentos de atenção compartilhada serão discutidas na parte seguinte desse capítulo. No momento, a fim de criar uma base mais sólida para essa premissa, é fundamental investigar de que maneira o repertório de capacidades do bebê pode atuar na sensibilidade das experiências afetivas e que qualidades de experiência afetiva podem estar envolvidas no relacionar-se humano.

Para um primeiro olhar acerca das emoções, ou das experiências afetivas e do leque de capacidades do bebê, podemos nos apoiar na definição de Damásio sobre as emoções primárias:

Uma hipótese que acredito não levantar nenhuma dificuldade é que estamos programados a reagir com uma emoção de modo pré-organizado, quando certas características dos estímulos, no mundo ou nos nossos corpos, são detectadas. [...] Essas características, individualmente ou em conjunto, seriam processadas e depois detectadas por um componente do sistema límbico do cérebro, digamos, a amígdala; seus núcleos neuronais possuem uma representação dispositiva que desencadeia a ativação de um estado do corpo, característico da emoção de medo, e que altera o processamento cognitivo de modo a corresponder a esse estado. [...] Repara-se que, para se provocar uma resposta do

corpo, não é sequer necessário reconhecer o urso [...] basta apenas que os córtices sensoriais detectem e classifiquem a característica ou características-chave de uma determinada entidade (isto é, animal, objeto) e que estruturas como as amígdalas recebam sinais relativos a sua presença conjuntiva. (Damásio, 1994 p. 160)

É importante reparar que Damásio parece estar se referindo a uma parte da experiência emocional ligada aos afetos categóricos, ou Darwinianos, ou seja, aqueles que Darwin descobriu ser possível reconhecer universalmente através de uma associação direta com manifestações faciais, como medo, alegria, tristeza, raiva, desgosto, surpresa e interesse. No entanto essa dimensão dos afetos categóricos me parece ser muito insuficiente para que se tenha um melhor entendimento das relações afetivas interpessoais. Poderíamos, por exemplo, pensar na possibilidade de programar um robô para interagir com um bebê, tendo um número gigantesco de respostas associativas previamente programadas para determinados comportamentos do bebê. Ainda assim será que essas respostas surtiriam o mesmo efeito que a interação com um humano? Para responder a esta pergunta teríamos que aprofundar ainda mais a questão de quais instrumentos temos à nossa disposição que nos possibilitam uma interação com uma qualidade diferente da de um robô.

De uma maneira geral sabemos que o robô, ou o computador, são instrumentos lógicos que podem possuir um banco de memória gigantesco contendo ações previamente programadas que podem ser disparadas através de uma associação. Já nós, humanos, também temos a capacidade de usar a lógica e respostas previamente programadas na memória, mas não temos apenas a capacidade de associar, temos a capacidade de sentir e de sermos afetados emocionalmente.

Com isso, podemos pensar que os afetos categóricos entendidos no seu aspecto meramente associativo se mostram insuficientes para uma investigação mais ampla acerca do relacionar-se interpessoal, sendo necessário investigar outras qualidades de afeto e de sensação. Dois conceitos de Stern (1992), a percepção amodal e os afetos de vitalidade, parecem lançar luz para se pensar essa parte não tão clara do relacionar-se, que envolve qualidades de sensação e de afetos que não podem ser compreendidos associativamente. Para compreendermos

o que se está entendendo por percepção amodal e afetos de vitalidade, partiremos do seguinte experimento.

Em 1979, Meltzoff e Borton realizaram um experimento que abre as portas para se pensar em um novo horizonte de possibilidades de entendimento em relação a como sentimos o mundo. Esse experimento aponta para como nossas modalidades sensoriais como tato, olfato, visão, audição e paladar, podem estar integrados. O procedimento consistiu em vendar os olhos de bebês com três semanas de idade e dar-lhes uma de duas chupetas diferentes para sugar. Uma das chupetas tinha um bico com formato esférico, a outra, um bico com protuberâncias em vários pontos ao longo de sua superfície. Depois de o bebê ter tido alguma experiência sentindo (tocando) o bico somente com a boca, o bico era removido e colocado lado a lado com o outro tipo de bico. A venda era retirada, e após uma rápida comparação visual os bebês olhavam mais para o bico que eles recém haviam sugado.

Esse experimento indica que algo da chupeta que os bebês só haviam sentido com o tato fosse de alguma maneira sentido e “reconhecido” também através da visão. Para Stern (1992) esse experimento aponta para o fato de que os bebês parecem estar predispostos a serem capazes de realizar uma transferência modal cruzada de informação que lhes permite reconhecer uma correspondência através do toque e da visão. Sendo que nessa perspectiva, a união das experiências tátil e visual seria realizada pela predisposição inata do sistema perceptual, não pela experiência de mundo repetida. Essa capacidade geral inata de tomar a informação recebida em uma modalidade sensorial e, de alguma maneira, traduzi-la para outra modalidade sensorial foi chamado por Stern de percepção amodal.

No entanto, não se trata de uma simples questão de uma tradução direta entre as modalidades. Ao contrário, envolve uma codificação em uma representação amodal, ainda misteriosa segundo o próprio Stern, que então pode ser reconhecida em qualquer um dos modos sensoriais, onde o afeto poderia agir como o curso supra modal em que a estimulação em qualquer modalidade pode ser traduzida. Essa qualidade de afeto foi chamada por Stern de afetos de vitalidade. Sobre a necessidade de se conceituar um novo tipo de afeto, que se diferencia dos afetos categóricos, ele afirma:

O que queremos dizer com isso e por que é necessário acrescentar um novo termo para certas formas da experiência humana? É necessário porque muitas qualidades de sensação existentes não se ajustam ao nosso léxico ou taxionomia de afetos existentes. Essas qualidades indefiníveis são mais bem capturadas por termos dinâmicos, cinéticos, tais como "surgindo", "desaparecendo", "passando rapidamente", "explosivo", "crescendo", "decrecendo", "explodindo", "prolongado" assim por diante. Essas qualidades da experiência são, com toda certeza, sensíveis para os bebês e de grande importância cotidiana, até momentânea. São essas sensações que serão eliciadas por mudanças nos estados motivacionais, apetites e tensões. (Stern, 1992, p. 47)

Baseados nisso, podemos pensar que as diferentes formas de sensação desencadeadas pelos processos vitais (como respirar, ficar com fome, excretar, adormecer ou acordar) influenciam o organismo continuamente (estejamos conscientes ou não delas) enquanto os afetos regulares são momentâneos. Como nós temos a capacidade de sermos sensíveis a essas qualidades da experiência, podemos senti-la tanto em nós mesmos como no comportamento das outras pessoas. Diversos afetos de vitalidade podem ser sentidos pelo bebê em relação a atos parentais como: erguer o bebê, trocar a fralda, pentear dos cabelos etc.

A inter-relação entre a percepção amodal e os afetos de vitalidade, pode ser exemplificada através dos cuidados maternos. Por exemplo, em uma situação onde uma mãe se vê na obrigação de tentar acalmar seu bebê, ela provavelmente poderia dizer: “Calma, calma, calma...” de uma maneira calma, que iria transparecer na pronúncia da voz, dando ênfase e amplitude à primeira parte da palavra e arrastando o seu final. Além disso, ela ainda poderia acariciar as costas do bebê com uma qualidade semelhante à maneira calma com que a mãe pronunciou a palavra, aplicando maior pressão no início da carícia e tornando-a mais leve e demorada no final. Com essa suposição é possível pensar em como um bebê poderia, através da percepção amodal, experienciar uma mesma qualidade de afeto, que seria análoga em todos os módulos sensoriais nesse caso— talvez uma qualidade tranquilizadora sentida tanto na audição, quanto no tato.

O exemplo seguinte apresentado por Stern deixa ainda mais claro de que maneira somos sensíveis a essas qualidades da experiência:

A dança abstrata e a música são exemplos, por excelência, da expressividade dos afetos de vitalidade. A dança revela ao espectador-ouvinte múltiplos afetos de vitalidade e suas variações, sem recorrer à trama ou aos sinais de afeto categórico dos quais os afetos de vitalidade podem ser derivados. O coreógrafo, na maior parte das vezes, está tentando expressar uma maneira de sentir, não um conteúdo específico de sentimento. Esse exemplo é particularmente instrutivo porque o bebê, quando observa um comportamento parental que não possui uma expressividade intrínseca (isto é, nenhum sinal de afeto Darwiniano), pode estar na mesma posição do espectador de uma dança abstrata ou do ouvinte de música. A maneira como é realizado o ato de um progenitor expressa um afeto de vitalidade, seja ou não esse ato algum afeto categórico (ou parcialmente colorido por algum afeto categórico). (1992, p. 49)

Stern, nesse exemplo fala sobre uma qualidade de sensibilidade na relação que é inata e continuará nos afetando por toda nossa vida. No entanto, cabe ressaltar apenas que, como vimos antes, diferentemente do exemplo do espectador de dança abstrata, o bebê não é apenas espectador como também exerce um papel ativo na interação. Interação essa que só existe da maneira como existe porque ambos os parceiros da relação são sensíveis a essas qualidades da experiência.

Sendo assim, é possível concluir que as relações interpessoais são diferentes das outras relações pois são permeadas por capacidades específicas dos seres humanos. Durante todo o relacionar-se interpessoal, tanto o bebê quanto, por exemplo, seu cuidador, são sensíveis a uma diversidade de afetos um do outro, o que permite uma qualidade específica de relação. Essa qualidade específica possibilita uma relação em que afetos são intercambiados mutuamente, e é justamente daí que parte a ideia que será melhor descrita no capítulo seguinte, de que esse intercâmbio de afetos seria a base, ou o berço, para a construção de uma subjetividade que possa participar de comportamentos de atenção compartilhada. Por hora, parece-me ser pertinente avançar na investigação das possíveis capacidades do bebê que possibilitariam um intercâmbio afetivo também sob o prisma de evidências neurológicas, tendo como horizonte uma investigação acerca dos neurônios espelho.

3.1.1

Neurônios espelho e a interação humana

A primeira evidência relacionada aos neurônios-espelho surgiu na Itália quando Giacomo Rizzolatti, neurocientista da Universidade de Parma, e sua equipe pesquisavam neurônios motores em um macaco, e acidentalmente fizeram uma grande descoberta. Nesse experimento o macaco estava sendo monitorado através de eletrodos implantados na área do cérebro responsável pelo planejamento e execução de movimentos. Cada vez que o macaco fazia um movimento para pegar um amendoim dentre os muitos que haviam sido espalhados pelos pesquisadores os neurônios disparavam e produziam um determinado som que era captado por um monitor.

A surpresa surgiu quando um dos pesquisadores resolveu alcançar um amendoim e o monitor captou o som, mesmo com o macaco estando imóvel. Assim, os mesmos neurônios disparavam quando o macaco pegava um amendoim ou simplesmente observava uma pessoa pegando. Rizzolatti chegou à conclusão de que o cérebro dos macacos possui um grupo especial de células, chamadas de neurônios-espelho, que disparam tanto quando o animal vê ou escuta uma ação, como quando ele mesmo executa essa ação.

A partir daí foram feitas diversas pesquisas com o intuito de encontrar tal tipo de evidência em seres humano (Gallese e Goldman, 1998; Rizzolatti e Arbib, 1998; Rizzolatti, Fadiga, Fogassi e Gallese, 1996; Rizzolatti, Fogassi e Gallese, 2001 apud Stern, 2007). Pretendo aqui destacar o experimento feito por Iacoboni e colaboradores (2005), visto que além de ter sido um experimento de notável repercussão, ele é representativo para uma série de conclusões a respeito do papel da intenção no desenvolvimento da intersubjetividade.

O experimento consistiu em uma situação em que 23 sujeitos foram monitorados enquanto observavam cenas distintas em um vídeo: (1) mão pegando uma caneca em cima de uma mesa arrumada para um lanche e (2): mão pegando uma caneca em cima de uma mesa desarrumada após um lanche. Para controle, em uma terceira situação foram observadas as cenas de mão pegando caneca fora dos contextos, e, então, somente os contextos. Esses contextos sugeriam a

intenção associada ao movimento, que no caso era pegar a caneca para beber (cena com a mesa arrumada) ou para limpar (cena com a mesa desarrumada). A hipótese sugerida era de que se os neurônios-espelho simplesmente codificam o objetivo imediato da ação observada, que no caso seria pegar um objeto, porém a atividade dos mesmos não seria influenciada pelo contexto. Por outro lado, se eles codificam a intenção global associada à ação, então o contexto modularia a ativação desses neurônios. Os resultados mostraram que a observação das ações de pegar a caneca dentro de um contexto ativou muito mais as áreas de neurônios-espelho do que nas situações controle.

Aqui me parece ser possível indicar que tal tipo de resultado pode ser considerado também, como mais um indício de que as ações humanas não são reconhecidas em si mesmas, mas sempre em relação a um contexto. Para Iacoboni e seus colaboradores (2005), o importante de tais resultados é que eles têm a capacidade de sugerir que o sistema de neurônios-espelho constitui um sistema neural que codifica e decifra as intenções e ações futuras dos outros. Para mim, esses resultados mostram que o sistema de neurônios-espelho é apenas mais um elemento importante que participa da possibilidade de reconhecer as intenções humanas, mas não é o único responsável por isso, visto que até mesmo a ativação desse sistema sofre a influencia do contexto e, portanto, da “forma de vida” na qual esse contexto está inserido.

No entanto, experimentos e resultados desse tipo estão sendo utilizados para amparar os mais diversos tipos de conclusão a respeito da participação dos neurônios espelho no desenvolvimento da intersubjetividade. Nesse sentido, pretendo aqui me limitar a explorar prioritariamente as conclusões de Stern (2007), visto que apesar desse autor ter grande importância para a construção de uma perspectiva que indique a importância de um olhar para intersubjetividade a partir da inter-afetividade, algumas de suas conclusões parecem ser demasiadamente dissonantes em relação ao que será proposto para desenvolver essa perspectiva ao longo deste. Mais especificamente, me refiro ao seguinte tipo de conclusão feita por Stern (2007) ao investigar o campo que ele chamou de “matriz intersubjetiva”, onde os neurônios-espelho tiveram destaque.

A natureza projetou nosso cérebro e nossa mente para que possamos

intuir diretamente as possíveis intenções do outro ao observar suas ações direcionadas a um objetivo (mesmo sem saber qual é ele). (Stern, 2007 p. 98)

E ainda, especificamente sobre os neurônios espelho ele afirma:

A ideia, há muito existente, de uma tendência mental humana para perceber e interpretar o mundo humano em termos de intenções é reforçada por estas descobertas. E a leitura das intenções do outro é fundamental para a intersubjetividade. (Stern, 2007 p.102)

Minha discordância em relação a estas conclusões não esta sustentada na desconsideração da importância da intencionalidade para a intersubjetividade, mas sim em retirar a intencionalidade do papel quase exclusivo que lhe é concedido, como instrumento soberano para se pensar a intersubjetividade, para que a partir disso a inter-afetividade possa então ocupar um papel mais pertinente à sua importância no desenvolvimento da intersubjetividade. Parece-me importante considerar que se atribuímos como critério para intenção a coordenação entre meios e fins, teríamos poucas evidências para considerar que um bebê de poucos meses perceba e interprete o mundo em termos de intenção, visto que não é possível observar bebês de poucos meses demonstrando esse tipo de comportamento descrito pelo critério de definição de intenção.

Em contrapartida, conforme vem sendo argumentado até aqui, é possível encontrar evidências em comportamentos de bebês muito jovens que estes estejam sendo afetados não pela percepção direta das intenções, mas pelo universo afetivo interpessoal. Sendo assim se torna, portanto, evidente a importância de se aventurar na construção de uma perspectiva que tenha a inter-afetividade como instrumento para pensar o desenvolvimento da intersubjetividade.

Nesse sentido, o sistema de neurônios espelho pode também ser investigado em relação a sua participação na inter-afetividade. Algumas pesquisas vêm indicando que o sistema de neurônios-espelho participa da possibilidade de sermos afetados pela experiência afetiva do outro. Por exemplo, Wicker e seus colaboradores (2003) realizaram um experimento utilizando ressonância magnética que tinha como objetivo testar se as mesmas áreas da ínsula eram ativadas durante a experiência de nojo e durante a observação da expressão facial

de nojo nos outros. Para isso 14 participantes tiveram seus cérebros monitorados enquanto cheiravam frascos contendo soluções com odores como de ovo podre e manteiga rançosa e enquanto assistiam a filmes de pessoas fazendo o mesmo procedimento. O resultado mostrou que a parte anterior da ínsula foi ativada em ambas as situações.

Esse tipo de resultado, mesmo que esteja restrito aos afetos categóricos (no caso, a expressão de nojo), evidencia que o sistema de neurônios-espelho pode ser mais um aliado a dar respaldo, de um ponto de vista neurológico, para a possibilidade de pensar que o estado afetivo momentâneo de alguém pode ser compartilhado de alguma maneira por outra pessoa sem que se use palavras.

É de maneira muito semelhante que Stern considera que o sistema de neurônios-espelho “pode nos levar longe na compreensão (no nível neural) do contágio, ressonância, empatia, simpatia e intersubjetividade” (2007,p. 101). Sendo que, para os objetivos do presente trabalho, é especialmente relevante a seguinte conclusão feita por Stern, que parece estabelecer algumas sintonias com a perspectiva que vem sendo desenvolvida aqui.

Quando juntamos tudo isso, um mundo intersubjetivo emerge. Já não vemos nossa mente como tão independente, separada e isolada. Não somos mais os únicos mestres e guardiões de nossa subjetividade. As fronteiras entre o self e o outro permanecem claras, porém mais permeáveis... Em resumo nossa vida mental é co-criada. (2007, p. 99)

Tal consideração feita por Stern é especialmente pertinente porque parece reverberar a proposição que está sendo assumida aqui, de que o sistema de neurônios-espelho pode ser considerado como mais uma evidência que aponta para a ideia de que nossa experiência no mundo não é privada a nós mesmos, mas compartilhada. No entanto, essa consideração aponta também uma grande diferença paradigmática em relação ao que está sendo proposto no presente trabalho, visto que não pretendo fazer aqui uma diferenciação entre uma “vida mental” e uma vida não mental (por exemplo, meramente física). Sendo assim, para os objetivos do presente trabalho seria mais coerente supor que não é a nossa mente que não deve ser considerada como algo tão independente, separado, isolado e sim a nossa experiência subjetiva. Devemos abrir os olhos para a possibilidade de entender que nossa experiência no mundo é co-criada e que esse

entendimento não nos impede de supor que sejamos capazes de construir fronteiras entre o self e o outro, mas apenas nos faz repensar como essas fronteiras são construídas. Na verdade, como será proposto em um momento futuro do trabalho, essa possibilidade de compartilhar experiências participa da construção dessas fronteiras possibilitando assim a emergência de uma qualidade específica de subjetividade que possa participar de comportamentos de atenção compartilhada e fazer uso da linguagem de maneira plena.

Sendo assim, ainda parece-me pertinente explorar outra consideração feita por Stern (2007) a respeito do papel dos neurônios espelho na intersubjetividade.

Até agora estas evidências se aplicam à intersubjetividade de mão única (“sei que você está sentindo”). Mas e a intersubjetividade de mão dupla, ou completa? Uma aparente redundância (“eu sei que você sabe que eu sei o que você está sentindo, e vice versa”). Isso requer outra etapa. Seriam suficientes os mecanismos anteriormente descritos? Pelo menos duas “leituras” do outro são necessárias para a intersubjetividade de mão dupla. Entretanto algo mais do que um mecanismo de ressonância, ainda que reiterado, pode ser necessário.”(p. 103)

A consideração acima destacada é especialmente ilustrativa, pois ela reverbera outra ideia importante para o presente trabalho. Essa ideia estaria ligada à possibilidade de pensar que um espelhamento, ou um mecanismo de ressonância, por si só não é suficiente para proporcionar uma intersubjetividade de mão dupla, ou como está sendo dito no presente trabalho, um intercâmbio mútuo. Nesse sentido, a aposta que será feita e investigada aqui consiste em considerar que esse intercâmbio mútuo não é fruto das possíveis capacidades humanas (como a percepção amodal, os afetos de vitalidade e o sistema de neurônios-espelho), mas sim de uma qualidade específica de interação proporcionada por estas capacidades.

Sendo assim, na parte seguinte deste capítulo será investigada a possibilidade de se supor que grande parte desse “algo mais” necessário ao intercâmbio mútuo pode estar ligado à possibilidade de experienciar uma continuidade de interações afetivas sintônicas.

3.2

A sintonia do afeto e a possibilidade de se compartilhar uma experiência

Agora que algumas evidências a respeito de certas importantes capacidades (aparentemente inatas) observadas no comportamento humano foram suficientemente bem delimitadas, me parece ser pertinente avançar na direção da investigação do que está sendo considerado aqui como um dos aspectos mais relevantes do relacionar-se intersubjetivo, a possibilidade de compartilhar uma experiência afetiva. Ou seja, a possibilidade de não só espelhar ou ser afetado pelo outro, mas de participar de uma relação de troca intersubjetiva onde ambos estão compartilhando algo de relevante da experiência do outro, participando ativamente de um intercâmbio afetivo mútuo onde é possível, por exemplo, compartilhar a experiência de se estar espelhando ou sendo afetado pelo outro.

Para isso, terei como horizonte de investigação a ideia de que as capacidades descritas anteriormente (relacionadas à percepção amodal, aos afetos de vitalidade e ao sistema de neurônios espelho) estão entre os alicerces que permitem uma qualidade específica de relação interpessoal, onde ambos os parceiros da interação compartilham algo de relevante da experiência afetiva do outro. Contudo, será considerado também que essas capacidades por si só não poderiam possibilitar uma relação onde seja possível compartilhar algo de relevante da experiência afetiva de outrem. Essas capacidades serão consideradas aqui apenas como possibilidades que podem por sua vez, caso haja disponibilidade para um engajamento afetivo por parte dos parceiros da interação, orientar uma interação para que essa assuma uma qualidade que satisfaça os requisitos necessários para um intercâmbio afetivo mútuo. Nesse sentido pretendo utilizar os comportamentos de “sintonia do afeto”, descritos por Stern (1992) como um parâmetro possível para indicar que uma interação possui a qualidade de um intercâmbio afetivo mútuo.

Sendo assim, o objetivo dessa parte do capítulo consiste em investigar formas de interação interpessoal que possuem uma qualidade específica capaz de proporcionar a experiência de compartilhar experiências afetivas, tendo como

foco de interesse interações com bebês de menos de nove meses. Mais especificamente, pretendo explorar os comportamentos de “sintonia do afeto” (como descritos por Stern, 1992), como um parâmetro que indique uma qualidade específica de relação interpessoal em que seja possível vivenciar algo de relevante da experiência afetiva de outrem.

Pode-se dizer então que o que está sendo investigado aqui são justamente os primórdios, ou as primeiras evidências, da possibilidade de compartilhar uma experiência (no caso, afetiva), ou em outras palavras como um ser humano pode sentir que outro ser humano está experienciando algo relevantemente semelhante ao que ele está sentindo sem que se use nenhuma palavra. Para isso é necessário investigar qualitativamente quais processos estão envolvidos no compartilhar de estados afetivos.

Uma primeira possibilidade que pode nos ocorrer é pensar o uso da imitação como a maneira pela qual se pode passar a ideia de se estar compartilhando um estado afetivo, já que através da imitação, por exemplo, o bebê e seu cuidador estariam compartilhando o mesmo comportamento. Esse parece ser um pensamento tentador, mas não se mostra muito promissor ao discriminarmos a qualidade dos processos envolvidos na imitação. O problema com essa solução é que o bebê apenas poderia experienciar, a partir da imitação da mãe, que ela percebeu objetivamente o que ele fez, ela teria reproduzido os mesmos comportamentos manifestos, mas ela não precisaria ter tido qualquer experiência afetiva similar. Poder-se-ia dizer que trata-se apenas de uma equiparação em nível meramente do comportamento objetivo (desconsiderando a qualidade com que esse comportamento é realizado), que poderia ser feita até por um robô, já que durante uma imitação o comportamento da mãe não necessariamente envolve a capacidade de ser sensível e responsivo aos afetos do bebê, como vimos anteriormente. Na verdade, a partir do paradigma apresentado no capítulo anterior, é possível supor que se uma mãe faz uma imitação de um bebê sem ter tido qualquer experiência afetiva similar, por mais que esse comportamento objetivamente pareça ser o mesmo realizado pelo bebê, qualitativamente não poderíamos dizer que se trata do mesmo comportamento, visto que este apresentaria uma qualidade de expressão (como será apresentado a

seguir, de intensidade, forma e timing) muito diferente.

Com isso quero ressaltar a importância de se atentar para o fato de que a imitação não exige necessariamente que o comportamento manifesto da mãe aconteça devido ao fato de ela ter sido afetada emocionalmente pelo bebê. Ela não precisa ter experienciado um estado de sentimentos semelhante ao que permeou o comportamento manifesto do bebê, ela só precisa perceber objetivamente o movimento e copiar. Por isso, me parece possível afirmar que apenas pela imitação não há razão para supor que necessariamente o bebê vivencia algum tipo de equiparação afetiva.

Nota-se um cuidado meu ao usar a palavra necessariamente para fazer uma ressalva em relação a dizer que a imitação não indica algum tipo de equiparação afetiva. O fato de uma imitação não necessariamente estar ligada a uma equiparação afetiva não exclui a possibilidade de uma equiparação afetiva estar ligada a algum tipo de imitação. Na verdade como vimos anteriormente, os afetos de vitalidade, diferentemente dos afetos categóricos, permeiam toda a experiência humana inclusive a imitação.

No entanto, me parece possível supor e importante ressaltar que uma mãe, devido as exigências do seu dia a dia, que se encontra em um momento pouco disponível ou pouco engajada na interação com seu bebê, possa vir a fazer uma imitação meramente mecânica, em que exista um grande desencontro no que diz respeito aos afetos de vitalidade. O que indica que apenas ter as capacidades necessárias para se compartilhar uma experiência afetiva não cria as condições necessárias para que esse compartilhar aconteça, é preciso no mínimo existir também disponibilidade para um engajamento afetivo.

Mas e quando essa disponibilidade para um engajamento afetivo está presente e o comportamento do cuidador, seja ele equiparado ou não ao comportamento do bebê, é permeado por um afeto de vitalidade que apresenta uma coerência em relação ao afeto de vitalidade transmitido pelo comportamento do bebê? É essa categoria de comportamentos que Stern (1992) chamou de “sintonia do afeto”. Seria através dela que nós poderíamos compartilhar estados afetivos e é sobre essa hipótese que iremos nos debruçar a seguir. Mais especificamente, está sendo proposto que os comportamentos de sintonia do afeto

possuem uma qualidade tal que nos leva a afirmar que entre os parceiros deste tipo de interação estaria havendo o que Stern (2007) chama de uma troca intersubjetiva de mão dupla, do tipo “eu sei que você sabe que eu sei o que você esta sentindo, e vice versa”(p. 103). Ou seja, nesse sentido os parâmetros para se definir um comportamento de sintonia do afeto poderiam ser usados como um critério possível para identificar uma troca intersubjetiva por meio do compartilhar afetivo. Sendo assim, torna-se necessário avançar na investigação desses parâmetros.

Segundo Stern (1992), para que haja uma troca intersubjetiva em relação ao afeto, são necessárias certas condições. Primeiro, o cuidador deve ser capaz de ler o estado de sentimento do bebê a partir de seu comportamento manifesto. Segundo, o cuidador deve realizar algum comportamento que apresente algum nível de correspondência em relação ao comportamento manifesto do bebê. Terceiro, o bebê deve ser capaz de ler essa resposta parental correspondente como tendo a ver com a sua experiência de sentimento original e não apenas como uma imitação de seu comportamento. Para ele é apenas na presença dessas três condições que os estados de sentimento de uma pessoa possam ser reconhecíveis para outrem, e que ambos possam sentir, sem usar a linguagem, que a transação ocorreu. Esse processo aconteceria durante a sintonia do afeto.

No entanto, alguns momentos desse processo precisam de uma descrição mais aprofundada no que diz respeito, por exemplo, a como uma mãe pode “ler” o estado de sentimentos do bebê e de como o bebê pode ler a resposta da mãe, e ainda, que tipo ou qualidade de correspondência pode estar envolvida entre os comportamentos do bebê e do cuidador, sem que seja feita uma imitação.

Com base no que vimos anteriormente já podemos pensar quais capacidades podem estar por trás dos processos de “ler” e de fazer uma “correspondência” sem imitação e, a partir disso, podemos traçar uma hipótese acerca de como ocorrem tais processos.

O termo “ler” pode nos dar uma impressão errônea do processo envolvido, já que podemos entender que ler envolve, por exemplo, a capacidade de associar de maneira lógica símbolos à significados, mas não parece ser isso que está envolvido na capacidade do bebê, e nem na do cuidador, de “ler” o

comportamento do outro (até porque não está se entendendo aqui o comportamento como símbolo, e sim como parte da experiência afetiva). O que parece estar envolvido é a capacidade de sentir, de ser sensível ao outro, ou seja, de ser afetado emocionalmente pelo outro, e podemos entender que isso acontece através dos afetos de vitalidade. A título meramente ilustrativo, vemos que mesmo no dicionário (Aurélio, 1986) a palavra *emoção* deriva da junção da ideia de *ex* (fora) e *moção* (movimento), o que só aponta ainda mais para a ideia de que a emoção não é algo que fica “guardado no nosso mundo interno” e sim algo que nos afeta, nos transforma, e assim afeta também nosso comportamento, e esse comportamento pode afetar e emocionar o outro. Um bebê, por exemplo, pode expressar no seu comportamento uma determinada qualidade de afeto e podemos pensar que este afeto pode ser sentido pela mãe, o que acabaria por transformar a mãe, e a partir disso, seu comportamento também se transformaria e poderia passar agora a expressar uma qualidade correspondente à qualidade que a afetou sem necessariamente repetir o comportamento do bebê. O que nos traz à próxima questão, a possibilidade da correspondência sem a imitação.

Novamente devemos estar alertas ao sentido que o termo pode ter para que não sejamos levados a uma interpretação demasiadamente diferente da proposta. Por isso, devemos discriminar que aqui se está usando o termo “correspondência” mais ligado ao sentido de uma coerência ou semelhança do que de uma mera associação. É importante discriminar também que a correspondência presente na sintonia mantém o foco da atenção na qualidade da experiência afetiva que está sendo compartilhada a partir do comportamento enquanto a imitação mantém o foco nas formas dos comportamentos, sem necessariamente levar em consideração o estado afetivo momentâneo. Daí a relevância da correspondência. Stern e seus colaboradores (1992) concluíram que existem aspectos gerais de um comportamento (como intensidade, timing e forma) que podem através dos afetos, ser iguados ou equiparados a fim de formar uma “correspondência” que seria a base para uma sintonia, uma sintonia do afeto. Essa correspondência só é possível porque a qualidade do que se está sentindo pode ter uma expressão análoga em diferentes comportamentos através da percepção amodal, que como vimos é a capacidade de equiparação de qualidades da experiência em diversos

módulos sensoriais, ou seja, a capacidade de fazer a correspondência modal cruzada. No entanto, essas correspondências de intensidade, timing e forma presentes na sintonia do afeto podem ser mais bem compreendidas a partir dos seguintes exemplos oferecidos por Stern:

Um menino de oito meses e meio tenta alcançar um brinquedo quase fora de alcance. Silenciosamente, ele se estica em direção ao brinquedo, inclinando-se e estendendo os braços e dedos de modo completo. Quando está quase alcançando o brinquedo, ele tenciona o corpo para conseguir os centímetros extras que necessita para alcançá-lo. Neste momento, sua mãe diz: "uuuuuh... uuuuuh!" com um esforço vocal que vai num crescendo, a expiração do ar empurrando o torso tenso da mãe. (1992, p. 125)

É importante reparar que nesse exemplo houve uma correspondência de intensidade já que podemos entender que o esforço acelerador vocal-respiratório da mãe, equipara-se em termos de intensidade ao esforço físico acelerador do bebê. Nesse caso fica clara a importância da percepção modal cruzada para a sintonia, ou seja, a sintonia só pode ocorrer porque a mãe pode transpor para a fala uma qualidade sentida através da visão. Cabe lembrar, no entanto, que a sintonia pode ocorrer simultaneamente através de mais de um aspecto como mostra o exemplo seguinte:

Um menino de nove meses está sentado na frente de mãe. Ele tem um chocalho em sua mão e o sacode para cima e para baixo com mostras de interesse e leve divertimento. Enquanto a mãe olha, ela começa a balançar cabeça para cima e para baixo, mantendo a mesma batida dos movimentos de braço do seu filho. (Stern, 1992, p. 125)

Aqui é possível evidenciar dois tipos de sintonia, uma através do timing e outra através da forma. Pode-se dizer que em relação ao timing houve uma equiparação da batida temporal, ou seja, uma pulsação regular no tempo é igualada. Podemos notar isso porque a inclinação de cabeça da mãe e gesto do bebê obedecem a mesma batida. Além disso, também podemos dizer que existe uma sintonia de forma, já que um aspecto espacial do comportamento do menino pode ser abstraído e remodelado em um ato diferente, porém equivalente. Nesse caso a mãe tomou emprestada a forma vertical do movimento para cima e para

baixo do braço do bebê e adaptou-a ao seu movimento de cabeça.

Portanto, Stern (1992) conclui que as sintonias do afeto têm as seguintes características que as tornam ideais para que se consiga o compartilhar intersubjetivo do afeto:

1. Elas dão a impressão de que ocorreu algum tipo de imitação. Não há uma reprodução fiel do comportamento manifesto do bebê, mas alguma forma de equiparação está se processando.

2. A equiparação é, em grande parte, modal-cruzada. Isto é, o canal ou modalidade da expressão usada pela mãe para se equiparar ao comportamento do bebê é diferente do canal ou modalidade usado por ele.

3. O que está sendo igualado não é o comportamento de outra pessoa, mas, ao contrário, algum aspecto do comportamento que reflete o estado de sentimento da pessoa. A referência fundamental para a equiparação parece ser o estado de sentimento, não o evento comportamental externo. Assim, a equiparação parece ocorrer entre as expressões de estado interno. Essas expressões podem diferir em modo ou forma, mas são até certo grau intercambiáveis como manifestações de um estado interno reconhecível, simples. Parece que estamos lidando aqui com o comportamento como expressão, em vez de como sinal ou símbolo, e os veículos de transferência são a metáfora e a analogia. (Stern, 1992, p.12)

Nesse ponto é importante salientar que apesar de se posicionar em um paradigma que não entende o comportamento como símbolo, assim como o paradigma que venho tentando construir nesse trabalho, Stern carrega ainda uma possível cisão entre estado interno (sentimento) e a expressão que o acompanha. No entanto, me parece ser possível pensar que como esse estado interno é suposto a partir do comportamento não há motivos para se pensar que ele é interno (no sentido de um mundo interno privado). A partir do que foi apresentado no capítulo anterior, é possível pensar que o próprio comportamento influencia e participa da qualidade desse estado de sentimento, visto que ele nada mais é do que uma forma de experiência, o que nos leva a romper a dicotomia entre o conteúdo e a forma de uma experiência, ou seja, entre um estado de sentimento e sua expressão.

Dito isso, é possível avançar na investigação de outras considerações feitas por Stern, visto que na citação acima, ele aponta para

a possível relação entre a metáfora e a sintonia do afeto. Relação essa que, em minha opinião, tem grande importância. A metáfora pode ser uma grande aliada na compreensão da natureza das sintonias porque, assim como a sintonia, a metáfora faz com que a atenção se volte para o sentido que permeia a expressão, e não para a expressão em si. Tudo isso indica um argumento importante, que será melhor apresentado na parte seguinte do capítulo, o de que o compartilhar afetivo por meio da sintonia do afeto pode vir a agir como precursor dos comportamentos de atenção compartilhada. Durante a sintonia do afeto já poderíamos inferir algum nível de atenção compartilhada, uma vez que ambos os parceiros da interação compartilham uma experiência que leva o foco da atenção para a experiência afetiva que está presente no comportamento para o sentido da expressão, assim como na metáfora.

É interessante notar que na riqueza da língua portuguesa podemos perceber que a palavra *sentido* tem pelo menos dois significados importantes. Um que está mais ligado à sensação de algo que foi experienciado e outro que está ligado à direção, ao rumo. No entanto, esses significados podem ter um sentido único próximo na medida em que podemos inferir que um ato qualquer “faz sentido” (como se diz popularmente) quando o que sentimos é o que norteia a nossa ação, o que só indica ainda mais para a ideia de que para algo “fazer sentido” não é nem necessário e nem suficiente à lógica (apesar de poder ser uma aliada). Apesar do risco desse raciocínio ter importância apenas como um mero jogo de palavras, ele me parece coerente com tudo que vem sendo desenvolvido neste trabalho, já que, por exemplo, o contraponto com a lógica aponta para a importância da experiência afetiva, e é justamente sobre a maneira pela qual a experiência afetiva nas relações interpessoais transforma o desenvolvimento que eu gostaria de dar atenção neste trabalho. A ideia é que as relações interpessoais a que estou me referindo, interações com bebês desde o nascimento até mais ou menos nove meses, só “fazem sentido” devido à experiência afetiva, ou seja, é ela que norteia a interação. No entanto, mais argumentos precisam ser levantados para

que haja uma maior maturidade na apresentação da evidência do compartilhar afetivo, visto que essa evidência irá amparar uma investigação a respeito da participação das sintonias afetivas na construção da subjetividade.

Para Stern a sintonia do afeto talvez seja a maneira pela qual “você pode entrar ‘dentro’ da experiência subjetiva de outra pessoa e então fazer com que ela saiba que você está lá, sem usar palavras” (1992, p. 123). No entanto, não podemos fazer perguntas ao bebê sobre o que se passa na sua experiência subjetiva durante a sintonia, mas podemos fazer essas perguntas aos adultos que estão em sintonia com os bebês. Esse foi o segundo passo dado por Stern em relação a examinar a natureza das sintonias. Ele deu esse passo realizando um experimento que tinha como objetivo fazer uma série de perguntas às mães em relação à experiência vivida nas sintonias. Esse experimento teve os seguintes procedimentos.

Solicitou-se às mães primeiramente que brincassem com seus bebês como fariam normalmente se estivessem em casa. A sessão de brincadeiras ocorreu em uma agradável sala de observação, cheia de brinquedos apropriados à idade. A mãe e o bebê foram deixados sozinhos por uns dez ou quinze minutos enquanto sua interação era filmada. Imediatamente depois, a mãe e os experimentadores assistiam à fita gravada da interação, e então eram feitas muitas perguntas. Os experimentadores procuraram criar com as mães o que eles chamaram de uma atmosfera de trabalho colaborativa solta, e não de inquisição ou julgamento para que a maioria das mães sentisse que havia sido criada uma aliança com os pesquisadores. Para eles essa “aliança-terapêutica-de-pesquisa” foi crucial para esse tipo de investigação conjunta.

Uma questão importante solucionada pelos experimentadores foi quando parar o fluxo de interação filmado para fazer as perguntas. Para isso foram estabelecidos critérios para se definir que momentos deveriam ser comentados. O primeiro desses critérios era o bebê ter feito alguma expressão afetiva facial, vocal, gestual ou postural. O segundo era a mãe ter respondido de alguma maneira observável. E o terceiro era o bebê ter

visto, ouvido ou sentido a resposta dela. Quando era observado um evento que se adequasse a esses critérios, o filme era interrompido e eram feitas as perguntas.

A partir daí muitos resultados foram obtidos, mas para este trabalho é especialmente importante o resultado que diz respeito à vivência das mães durante a sintonia. Por isso, irei me ater à relevância do resultado que mostra que a maior razão individual que as mães citaram (ou que os experimentadores inferiram) para fazer a sintonia foi “estar com” o bebê, “compartilhar”, “participar de”, “juntar-se a”. Stern chamou essas funções de *comunhão interpessoal*, termo que segundo eles significaria compartilhar a experiência de outrem. Para eles essa ideia capturaria bem melhor o comportamento da mãe, conforme visto pelos experimentadores e pelas próprias mães (Stern, 1992, p.132). A partir dos relatos da experiência das mães, pode-se pensar que a ideia da sintonia do afeto estar ligada ao compartilhar afetivo, não parece ser algo fruto apenas de um raciocínio teórico, mas parece estar de acordo também com o que foi sentido e vivido pelos parceiros da interação, o que fica claro quando as mães falam do sentimento de *comunhão* e de *compartilhar* durante a sintonia.

Todavia, a importância de considerar a experiência subjetiva das mães, pelo menos nesse trabalho, não tem como objetivo indicar que os bebês tenham tido exatamente a mesma experiência subjetiva de suas mães, mas apenas evidenciar que eles possam estar tendo experiências diferentes, mas com algumas importantes semelhanças, como por exemplo, uma sintonia em relação aos afetos. No entanto, me parece ser de grande importância evidenciar também algumas diferenças existentes entre as duas experiências (da mãe e do bebê), como por exemplo, o fato do bebê não poder pensar sobre essa experiência reflexivamente, a ponto de classificá-la como uma experiência de “estar com”, assim como um adulto poderia fazer. Essas semelhanças e diferenças existentes entre a qualidade da experiência subjetiva do bebê e da mãe, são importantes para o presente trabalho porque será investigado aqui justamente como essas

semelhanças (especificamente a capacidade estar sintonizado afetivamente com o outro) podem participar da construção uma subjetividade que possa vir a utilizar as mesmas capacidades de um adulto típico.

Nesse sentido, outro exemplo pertinente acerca dessa diferença é a evidência de que um bebê de menos de nove meses, de uma maneira geral, não demonstra ter desenvolvido a capacidade de participar de comportamentos de atenção compartilhada. Ou seja, apesar de poder dirigir sua atenção para o chacoalhar de um chocalho, por exemplo, ele ainda não é capaz de demonstrar que pode compartilhar essa experiência com um outro. Esse exemplo é especialmente importante para o presente trabalho porque, de uma maneira mais específica, se está querendo propor aqui que a investigação da participação do compartilhar afetivo na construção da subjetividade pode nos ajudar a entender justamente os precursores da atenção compartilhada. E não só isso, pode nos ajudar também a entender o desenvolvimento da linguagem e a pensar o autismo.

De uma maneira mais ampla, a aposta que está sendo assumida aqui consiste em investigar como o compartilhar afetivo poderia participar da construção de uma subjetividade que se relacione com o outro (co-específico) com uma qualidade específica de semelhança, onde este outro é vivido como alguém capaz de compartilhar uma experiência, mesmo que essa experiência esteja relacionada a um terceiro, ou seja, a um processo fora do corpo dos participantes da interação (como no exemplo do chocalho). É justamente sob este horizonte que segue a investigação do próximo capítulo.